

PMS / FMLF BIBLIOTECA	
Jornal:	
Tribuna do Bahia	
Data:	
17/09/99	
Caderno:	Página:
Apr - Bahia	06
2ª edição:	
Assunto:	
Centro Histórico	
Belaserrinha	

Sociedade comemora 167 anos de resistência pacífica

A secular Sociedade Protetora dos Desvalidos completou 167 anos de existência. A festa comemorativa vai acontecer neste domingo, com programação que será cumprida durante todo o dia com a realização de missa, solenidade de posse da nova diretoria e coquetel aos presentes.

O médico Anorailton Conceição Santos Silva, juntamente com os demais companheiros serão empossados no final da tarde de depois de amanhã. O professor Valter Crispim da Silva, orador oficial desta nova diretoria, já tem discurso pronto, quando fará abordagem sobre a história da entidade.

A data 16 de setembro de 1832, representou para a negritude baiana um dos passos decisivos, no que se chamou de assistência social, época em que a desolação, o acabrunhamento e descaso para um povo escravo, e que mesmo àqueles alforriados conviviam na quase total miséria e de forma desumana.

A idéia de Manoel Vítor Serra, um ex-escravo, desconhecedor das letras pátrias, juntamente com 18 companheiros em iguais situação, tiveram a idéia de amparar os irmãos menos favorecidos que outro destino não tiveram senão a sarjeta. Um simples carregador de piano, analfabeto



Alto custo

Com muita dificuldade adquiriram o prédio por 10 mil réis

restos de alimentação, que colocada em um grande vasilhame de madeira, que existe até os dias de hoje, e ali coletivamente e com alguma balbúrdia muitos saíam a fome.

truída.

A resistência daqueles abnegados homens que ainda em plena vigência de escravatura, demonstravam com as suas boas vontades que era possível lutar por



Deraldo

Dois mandatos



Luis Gama

Grande colaborador

tantes estiveram à frente da Protetora, a contar por Juventino da Costa, o grande benemérito e o seu filho, o médico Nicanor da Costa, o professor Antonio Rocha

trias, juntamente com 18 companheiros em iguais situação, tiveram a idéia de amparar os irmãos menos favorecidos que outro destino não tiveram senão a sarjeta. Um simples carregador de piano, analfabeto portanto, mas de inteligência à prova, Vítor Serra cria em 16 de setembro de 1832, a Confraria Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, cuja sede foi a Igreja dos 15 Mistérios, o qual teve o amparo do padre José Joaquim de Santana. "Foi um movimento que chamou a atenção de muitos miseráveis", observa Henrique Jarbas Sodré Pereira, membro da SPD. De uma dezena, passou para uma centena de pessoas carentes que iam buscar auxílio.

Como também havia aumentado o número de assistidos, a Confraria é transferida para a rua do Bispo. "Observe que eles viviam de donativos, explica Sodré, salientando que muitos senhores de escravos mandavam

restos de alimentação, que colocada em um grande vasilhame de madeira, que existe até os dias de hoje, e ali coletivamente e com alguma balbúrdia muitos saciavam a fome".

Novamente o espaço tornara-se pequeno. No Cruzeiro de São Francisco, existia um prédio em ruínas. E como o custo de venda era alto (dez mil réis!), os sócios fundadores Manoel Vitor Serra, Manoel da Conceição, Luiz Teixeira Gomes, José do Nascimento, Gregório Bahia, Ignácio de Jesus, Bernardino de Souza, Pedro de Farias, Gregório do Nascimento, Balthazar dos Reis, José Maria Vitella, Manoel Rosa, Barnabé dos Santos, Theotônio de Souza, Francisco José Pepino, Daniel Correia, Roberto Tavares, José Fernandes do O e Manoel Martins, todos fundadores, cotizaram-se com os seus ganhos e adquiriram o prédio onde é hoje a Sociedade que levou mais de 10 anos para ser cons-

truída.

A resistência daqueles abnegados homens que ainda em plena vigência de escravatura, demonstravam com as suas boas vontades que era possível lutar para o bem do próximo. "Eles não fizeram nenhum levante contra o sistema da época e com isto foram ganhando espaço até se estabelecerem com o trabalho social", chama a atenção Sodré. Criam escola e albergue para os recém-saídos da escravidão com a alforria. "É diga-se de passagem que com a vigência da Lei, muitos senhores, já na fase da Lei do Ventre Livre tinham medo de manter em suas casas ex-escravos e por isso os ajudavam".

Personalidades como Manoel Querino, Quintino Bocaiuva e Luiz Gama, negros letrados iguais a tantos outros, deram as suas parcelas de contribuição na condição de conselheiros da Protetora dos Desvalidos, os quais ajudavam materialmente e intelectivamente a entidade. "Um fato também interessante, adverte Sodré, é que à época era proibida a criação de Sociedade. Primeiro, por causa da Maçonária e os prepostos da coroa, mas só em 1900 é que a SPD constituiu-se mesmo como Sociedade Protetora dos Desvalidos.

A SPD já chegou a ter mais de 2.000 associados, isto porque outras entidades, a exemplo do Monte Pio dos Artistas, Sociedade Bolsa de Caridade, davam amparo social aos negros, porém com a chegada dos tempos, hoje, levando em conta o número de remidos os filiados não passam de 300.

Muitos homens impor-

tantes estiveram à frente da Protetora, a contar por Juventino da Costa, o grande benemérito e o seu filho, o médico Nicanor da Costa, o professor Antonio Rocha que chegou a ser diretor do Ginásio da Bahia (Colégio Central), o advogado Pedro Nascimento, Valter Crispim da Silva e várias celebrações.

Objeto de curiosidade e atenção, a Sociedade Protetora dos Desvalidos, cumpre até os dias atuais um papel importante para a história do povo negro. "Vários estrangeiros já vieram aqui pesquisar e colocar em compêndios a nossa história", diz Sodré.

Até hoje a Sociedade vive dos seus próprios recursos sem qualquer subvenção oficial, apesar de ser de utilidade pública, municipal, estadual e federal.

Com a revitalização do Centro Histórico, a SPD foi inserida na reforma, no entanto, foi muito grande o prejuízo. "Tivemos destruídos vários objetos de arte e muitos móveis sumiram", esclarece Deraldo Francisco dos Santos que depois de dois mandatos domingo deixa a presidência. Deraldo disse também que por pouco a sociedade não saiu do local, pois queriam o espaço para fazer funcionar um consulado, mas graças à interferência do senador Antonio Carlos Magalhães a questão foi solucionada.

Um registro que os sócios mais velhos não esquecem se dá com a pessoa do médico José André Cruz que durante décadas atendeu a vários doentes em seu gabinete na sociedade sem cobrar um centavo.